

VÁRIA

Caracteres rúnicos e caracteres ibéricos

Estácio da Veiga, que entre nós (que sabemos) foi o primeiro a aproximar caracteres rúnicos e ibéricos, idea mais tarde desenvolvida por Ricardo Severo no seu artigo da revista «Portugália» sobre os dolmens de Alvão, teve um precursor espanhol do século XVIII (1738), que, embora deixando para outros o problema do parentesco, apresenta para comparação um quadro de 16 letras rúnicas primitivas, bem como o alfabeto ulfiliano. Vem êsse quadro a páginas VIII do Prólogo da «Bibliotheca Universal de la Polygraphia Española», composta por D. Cristobal Rodriguez, e publicada, por ordem de Felipe V, pelo seu «Bibliothecario Mayor», D. Blas Antonio Nassarre y Ferri. Esta obra pode ver-se na Biblioteca Municipal do Pôrto, em cujo catálogo tem a cota H-11-42. O Prólogo é da pena erudita de Nassarre, autor de vários trabalhos bastante apreciados, e tôda a obra, esplêndidamente editada, e ocupando-se, no seu corpo, da paleografia espanhola a partir do século X, é ornada de magníficas gravuras.

Nassarre, depois de passar em revista os mais antigos documentos epigráficos e numismáticos de Espanha, chega à conclusão de que bastantes não podem ser nem fenícios, nem púnicos, gregos, hebraicos, caldeus, romanos, godos ou árabes: logo, diz êle, são puramente espanhóis, não se lhes encontrando iguais em qualquer outro país. Nota que nas medalhas se vê, na maioria dos casos, um cavaleiro com uma lança enristada, «marca própria das cidades da Espanha Citerior, e ainda da Celtibéria», trazendo outras vezes o cavaleiro, em vez de lança, uma palma, ou então uma ave, que parece um falcão.

Enumera também os eruditos de várias nações que por essa época se estavam ocupando do problema, citando igualmente o nosso Contador de Argote, e conclui, como dissemos, aguardando os seus resultados, embora se incline para que esta primeira escrita fôsse a dos Turdetanos. Reproduz ainda a passagem de Estrabão relativa à existência na Península duma civilização antiquíssima, com documentos literários abrangendo seis mil anos.

LUÍS CARDIM.

As fíbulas do Museu Regional de Bragança

Nesta ligeira nota pretendemos apenas registar o inventário das fíbulas do Museu Regional de Bragança, sem pretensões de organizar o seu catálogo, baseando-nos em apontamentos colhidos numa visita feita em 9 de Março de 1931 com o ilustre director P. Francisco Manuel Alves, Rev. Abade de Baçal.

A-pesar-de estarem parcialmente descritas pelo dr. José Fortes e Albino Pereira Lopo, não deve ser inútil a sua recapitulação ordenada, por se tratar do mais perfeito núcleo regional dos nossos museus.

O exemplar inédito de ouro encontrado em *Vinhas*, notável pelo seu pêso e trabalho, pode sem favor considerar-se precioso, pois só estão registadas dêste metal nobre em Portugal outra fíbula alentejana (1) e uma fivela de *Agarês* (Vila Real) desaparecida (2). Denotando a riqueza arqueológica do distrito na época luso-romana conheciam-se uma fíbula de charneira, de prata, do concelho de *Mogadouro* (3), e, na extrema, o torques de prata de *Cortinhas* (4); e ainda de *Lagares* (Grijó de Vale-bemfeito) um anel espiraliforme de ouro, provávelmente da idade do bronze (5).

Tratando-se dum estudo em começo na Península, pretendemos chamar a atenção para o facto das fíbulas transmontanas representarem a transição das castrejas do noroeste para as castelhanas, do interior.

As fíbulas hispánicas apresentam-se com caracteres próprios, nos quais se podem reconhecer algumas variedades regionais. O grupo transmontano, de transição da idade do ferro para a época luso-romana, pela sua ornamentação aproxima-se do tipo castelhano, mas pela forma pertence ao tipo castrejo.

(1) J. Henriques, *Objectos romanos do Alentejo*, «O Arch. Português», IV, pág. 288, fig. 4. 1898; J. L. de Vasconcellos, «O Arch. Português», XIII, pág. 356. 1908.

(2) H. Botelho, *Moedas romanas achadas em Agarez*, «O Arch. Português», III, pág. 120. 1897.

(3) José Fortes, *Fíbulas e fivelas. I. Fíbula romana*, «O Arch. Port.», IX, pág. 1, fig. A. 1904. Considera «aquisição de muito interesse e valia».

(4) José Fortes, *Museu municipal "Azuaga"*, «Portugalia», II, pág. 117, fig. 1. 1905; J. L. de V., «O Arch. Port.», XI, pág. 355. 1906; Mário Cardozo, *Jóias arcaicas encontradas em Portugal*. Sep. de «Nos», fig. 4. A Cruña. 1930.

(5) Desaparecido, segundo informação obsequiosa do Rev. Ab. de Baçal. Apareceu numa cista. Tinha o formato duma cobra, e dava três voltas a um dedo. (Do tipo dos de Barro, Breia, Casal de Pardo e Gondeiro?).

No Museu de Bragança expõem-se nove fíbulas de bronze dos castros de *Argoselo*, *Cocolha*, *Santa Juzenda* e *Picote*; de *Donai* e *Estevais*; e uma de ouro de *Vinhas* (1). Exceptuando duas fíbulas de charneira e botão de Donai, tôdas as outras são castrejas, de mola bilateral do modêlo de bésta (*en arbalète*), com dois tipos: de três peças independentes (aro, mola e fusilhão) e de uma só peça (Picote). Faltam duas fíbulas do castro de Cocolha (Nogueira de Vimioso) mencionadas pelo dr. José Fortes no estudo fundamental sôbre *As fíbulas do noroeste da Peninsula* (2), e outra de Coelhooso (3).

Por uma ordem tipológica que se nos assemelha razoável, é a seguinte a sua descrição:

1. *Fraga do Seixo* (Estevais de Mogadouro). Fíbula completa com linda pátina, formada de três peças independentes. O pé, do tipo de roca como o de alguns *acus crinalia*, e o aro são ornamentados. A mola bilateral deve ter perdido os tambores ou discos terminais (4). Semelhante a fíbulas do castro de Pragança (5), e de Numância e acampamentos circunvizinhos (6).

2. *Castro de Argoselo* (Vimioso). O aro tem uma nervura média, alta e fina, lunular, e, tanto nêle como no pé, inserem-se argolas de que porventura penderiam enfeites (7). Tambores terminais no eixo de ferro da mola, como em exemplares de Belinho,

(1) No Museu encontram-se ainda: cinco fivelas de bronze, do tipo chamado em omega (como outras de Rio Torto, Sacoias, Vimioso, Vinhais, etc.); e entre outros utensílios metálicos: um machado de bronze de talão e um anel, e outro com dois anéis; seis machados chatos de bronze; lucerna de bronze de Frezulfre (Vinhais); armela de sítula de Carrocedo; carneiro de bronze do Olival de Miranda (Vila-Flor); lança de Picote; etc. A colecção epigráfica será brevemente publicada pelo Rev. Ab. de Baçal.

(2) «Portugalia», II, págs. 20-21, figs. 23-24. 1905. Uma delas ainda em 1929 foi examinada pelos meus presados amigos os arqueólogos galegos Florentino L. Cuevillas e dr. F. Bouza Brey.

(3) A. Pereira Lopo, «O Arch. Port.», V, pág. 250. 1900.

(4) Albino Pereira Lopo, *Estevais de Mogadouro*, «O Arch. Port.», V, pág. 250. 1900; J. Fortes, «Portugalia», II, pág. 21, fig. 20. 1905; J. Déchelette, *Essai sur la chronologie préhistorique de la péninsule ibérique*, «Revue Archéologique», 4.ª série, XII, 1908-II, págs. 397-398, fig. 7-J-K. Paris. 1908.

(5) J. L. de Vasconcellos, *Religiões da Lusitânia*, III, pág. 127, fig. 54. Lisboa. 1913; e *História do Museu Etnológico Português*, est. VII, Lisboa. 1915.

(6) A. Schulten, *Numantia*, III, est. XLVI, n.º 13, etc., e IV, est. LI, n.º 8. Muenchen. 1929.

(7) Como exemplo de fíbulas com pingentes ver um exemplar de Herculanium em: Cagnat e Chapot, *Manuel d'archéologie romaine*, II, pág. 406, fig. 599. Paris, 1920, segundo Saglio. *Dict. des Ant.*, fig. 3026.

Briteiros, Terroso, etc. (1). Falta o fusilhão (2). Aproxima-se no tipo e ornamentação das fíbulas do castro de Vilarinho de Cotas (3) e de Castelo Branco (4).

Dêste exemplar diz Déchelette: «C'est une fibule à queue relevée et à arbalète, qui, par son profil général, présente une certaine similitude avec la fibule étrusque dite de la Certosa ou encore avec la fibule gauloise de La Tène I. La présence de l'axe transversal à boule ou à disques terminaux rappelle, d'autre part, un type étrusque où se retrouve cette particularité. Ce qui est propre au modèle hispanique, c'est la disposition du ressort en fer (na realidade é de bronze e o eixo de ferro) enroulé sur l'axe de chaque côté de l'épingle». Por outro lado aproxima-se do tipo dos tumulos de Avezac (Altos Pirineus), pertencentes ao fim da primeira idade do ferro (5).

3. *Distrito de Bragança*. Igual à anterior, mas de menores dimensões e perfeitamente conservada (Inédita?).

4. *Castro de Santa Juzenda* (Vale de Prados, freguesia de Múrias, Mirandela). Fragmento dum aro com a nervura do tipo anterior, atravessado por três cravos ornamentais de cobre (6).

5. *Castro de S. Juzenda*. Pé de roca encostado ao aro. Mola bilateral independente e sem fusilhão (7). Modêlo vulgar em Numância, onde evoluciona para o tipo de La Tène com o pé soldado ao aro (8).

6. *Estrada* (Limite de Vinhas, concelho de Macedo de Cavaleiros). Fibula de ouro (pêso 45 grs.) encontrada ao arrancar um

(1) R. de Serpa Pinto, *A Cividade de Terroso e os castros do N. de Portugal*. IV Congr. Internacional de Arqueologia. Barcelona. 1929.

(2) Albino Pereira Lopo, *Museu Municipal de Bragança*, «O Arch. Port.», v, pág. 336, 2. 1900; P. Paris, *Essai sur l'art et l'industrie de l'Espagne primitive*, II, pág. 264, fig. 393. Paris. 1904; J. Fortes, «Portugalia», II, pág. 21, fig. 19. 1905; J. Déchelette, *Les petits bronzes ibériques*, «L'Anthropologie», XVI, pág. 37, fig. 3-B. Paris. 1905, e *Essai etc.*, «Rev. Arch.», 1908-2, fig. 7-L. 1908.

(3) R. Severo, *O Castro de Vilarinho de Cotas*, «Portugalia», II, pág. 266, figs. 4-5. 1906.

(4) J. L. de V., *Fibula de bronze do Museu de Castelo Branco*, «O Arch. Port.», XXIV, pág. 107, est. XXIX, figs. 24-25. 1920.

(5) J. Déchelette, «L'Anthropologie», *loc. cit.*

(6) J. Fortes, «Portugalia», II, pág. 25, fig. 21. 1905.

(7) J. Fortes, «Portugalia», II, pág. 21, fig. 18. 1905.

(8) A. Schulten, *Numantia*, II, ests. XLVII e XLVIII. Muenchen. 1931.

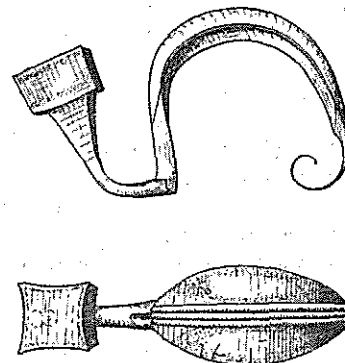
castanheiro, em 13 de Novembro de 1930, pelo trabalhador João Manuel Gazalho (figs. 1 e 2). Tôda a superfície é rugosa. Por martelagem foi espalmado e dobrado o aro, como o atestam as fracturas transversais pouco profundas da superfície convexa, a de maior desenvolvimento.

O apêndice caudal, do tipo de mesa ou de prato, é prismático (9 mm. de altura) e tem por base um quadrilátero curvilíneo (13 mm. na menor dimensão) orlado de golpes de punção, esboçando-se no centro um ornato em forma de 8. As faces teem a concavidade ornamentada a punção por duas faixas, de 1 mm. de largura, formadas por três pontos. Apêndice muito semelhante tem uma fíbula espanhola do Museu de St. Germain, apresentando o mesmo ornato em forma de 8 (1).

O pé é de feitio piramidal, como nas fíbulas castrejas (Belinho, Santa Luzia, Terroso, etc.), e na curva de ligação ao aro apresenta a goteira de descanso do fusilhão.

O aro, de grande simetria, tem de cada lado duma tripla nervura média (3 a 6 mm.) duas abas que lhe dão aspecto naviforme ou de escudo (fig. 2) como numa fíbula hispânica, anular, de Alcácer do Sal (2). A face inferior é rude. A superior apresenta ornatos puntiformes, do mesmo género dos do apêndice caudal, com disposição lanceolada, tendo as extremidades preenchidas com pequenas marcas de punção circular.

O aro, junto à cabeça, adelgaça-se até se transformar numa lâmina muito fina, recurvando-se em arco de círculo no mesmo plano. Pela deminuta espessura da sua extremidade surge a dúvida se a fíbula teria a mola independente, como nos exemplares descritos, pois difficilmente se poderia continuar numa peça só a mola, à qual faltaria também a necessária flexibilidade. Infeliz-



Figs. 1 e 2
Fíbula de ouro de Vinhas. 2/3

(1) Cartailhac, *Les ages préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, pág. 298, fig. 428. Paris. 1886; P. Paris, *Essai, etc.*, II, págs. 265-266, fig. 399.

(2) Vergilio Correia, *As fíbulas da necrópole de Alcácer do Sal*, «Biblos», VI, n.ºs 7 e 8, pág. 508, fig. 4. Coimbra, 1930.

mente faltam a mola e o alfinete para esclarecerem devidamente este ponto.

Comparável com uma fibula espanhola duma só peça, de bronze, no Museu do Louvre (1).

As fibulas, tanto halstáticas como de La Tène, são em geral de bronze ou ferro, e, segundo Déchelette (2), só muito raramente de ouro.

Produto único da metalurgia local, quem sabe se do ouro das minas de França (Montezinho), é mais uma prova da riqueza e da originalidade da indústria castreja transmontana.

7. *Castro de Cocolha* (Vimioso). Pé tronco-cónico aderente ao aro (3). Faltam a mola e fusilhão que deviam ser independentes. Pelo tipo especial e ornamentação assemelha-se a fibulas do Castro de Vinhais (4), no Museu Etnológico Dr. Leite de Vasconcellos; exemplares hispânicos do Museu do Louvre (5); exemplares de Arcóbriga e Luzaga expostos na colecção Cerralbo, do Museu Arqueológico Nacional de Madrid; e fibulas de Numância e dos acampamentos circundantes (6).

8. *Castro de Picote* (Miranda do Douro). Fibula formada primitivamente duma só peça (?). Aro de sanguessuga liso, com pé curto e singelo encostado ao aro. A mola apresenta apenas duas espiras e uma curta corda. Está separada do aro, e, talvez devido a uma fractura antiga, foi ligada por uma cravação, que se observava noutra fibula do Castro de Cocolha desaparecida.

Foi encontrada com moedas romanas e objectos de cobre num dos mais notáveis castros luso-romanos do distrito, onde era bem necessário proceder a escavações (7).

9-10. *Sagrado* (Donai). Duas fibulas romanas de charneira e botão, com o aro ornamentado (Inéditas?). Deste tipo, muito

(1) P. Paris, *Essai etc.*, II, pl. VIII, n.º 1, pág. 265.

(2) J. Déchelette, *Manuel etc.*, IV, pág. 1245. Paris, 1914. Sobre os exemplares de ouro do Museu do Louvre consultar: André de Ridder, *Catalogue sommaire des bijoux antiques*, págs. 75-77, pls. XV-XVI, Paris, 1924.

(3) J. Fortes, «Portugalia», II, pág. 21, fig. 22.

(4) Celestino Beça, *Antiquallas transmontanas*, «O Arch. Port.», X, pág. 106, fig. I, 1905.

(5) P. Paris, *Essai etc.*, II, pl. III, pág. 265.

(6) A. Schulten, *Numantia*, II, est. XLIX. Muenchen. 1931; Id. IV, est. LI, n.ºs 3-4. Muenchen. 1929.

(7) A. P. Lopo, «O Arch. Port.», V, pág. 336, n.º 1. 1900; P. Paris, *Essai*, pág. 265, fig. 395; J. Fortes, «Portugalia», II, pág. 20, fig. 17.

freqüente, existe uma fibula do Castro de Sacoias no Museu de Martins Sarmento, e outra de prata, já citada, de Mogadouro, no Museu Etnológico Dr. Leite de Vasconcellos.

Pôrto. Março de 1931.

R. DE SERPA PINTO.

Instituto de Anatomia do Pôrto

Uma das visitas a fazer pelos Congressistas estrangeiros a Institutos científicos, registadas no programa do Congresso Internacional de Antropologia, foi a realizada ao Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina do Pôrto. Aí se reuniram algumas das mais distintas individualidades científicas nacionais e estrangeiras, como os professores Frassetto (Bolonha), Verneau (Paris), Loth (Varsóvia), Vallois (Toulouse), Sergi (Roma), Chevket-Aziz (Constantinopla), Muller (Nancy), Grzybowski (Varsóvia), dr. R. Locchi (S. Paulo), Dr. Frets, etc., etc., professores Pires de Lima, Mendes Corrêa e Hernâni Monteiro. Entre os visitantes contavam-se também os drs. Mário de Almeida (vereador do Município portuense), Alberto Costa (Coimbra) e Cardoso Marta (Lisboa).

Antes da visita, o director, prof. Pires de Lima, pronunciou um discurso de boas-vindas e cumprimentos aos visitantes, o qual se traslada:

Mesdames:
Messieurs:

C'est pour nous une honneur suprême de recevoir dans l'Institut d'Anatomie de Porto l'élite des anthropologistes, des archéologues et des ethnologistes.

Nous n'avons pas de traditions anatomiques. Ce fût seulement il y a cent ans environ, deux siècles après Vésale, que la morphologie humaine a commencé à être cultivée dans cette ancienne ville de commerçants.

Ce fût Vicente José de Carvalho le premier qui a enseigné l'anatomie chez nous. Nous sommes fiers de conserver dans la Bibliothèque de cet Institut le cœur du fondateur de l'enseignement anatomique à Porto. Celui-ci, ainsi que son successeur Bernardo J. Pinto, ont été des professeurs et dissecteurs excellents et ils ont fondé un musée qui a entré en décadance après leur mort.

Ce fût seulement en 1911 que nous avons initié à Porto des recherches anatomiques. Le gouvernement portugais a consacré nos efforts créant, en 1920, l'Institut d'Anatomie.

Il y a quatre ans, l'ancien ministre de l'instruction publique, Alfredo de Magalhães, professeur à cette Faculté, nous a accordé des fonds pour construire l'édifice de cet Institut, bâtiment modeste, mais qui nous permettra de travailler avec assez de confort, quand il sera complété.

Vous pouvez voir dans une brochure qui a été écrite en votre intention par le professeur Hernâni Monteiro, le résumé des travaux qui, depuis vingt ans environ, ont été poursuivis chez nous. Ils sont bien modestes mais vous pouvez reconnaître la bonne volonté de tous ceux qui travaillent à ce Laboratoire.

Le Comte Henri de Keyserling, qui nous a visité il y a quelques mois, a dit que l'âme portugaise est une des plus compliquées du monde. Elle serait caractérisée, d'après le philosophe si discuté, par une ténacité comprimée et par une explosivité consécutive.

L'explosion de l'âme portugaise a donné autrefois les grandes découvertes géographiques et dernièrement, hélas! elle a déclenché seulement des émeutes stériles.

Si un jour les Portugais s'adonneront de tout cœur à la recherche scientifique, ils retrouveront sa glorieuse finalité historique et notre Pays redeviendra grand, en collaborant largement avec les savants des nations les plus avancées.

La science n'a pas de patrie, dit Ramón y Cajal, mais les savants en ont une. Dans la science que nous cultivons, nous pouvons être nationalistes, en étudiant l'anatomie et l'anthropologie des Portugais de l'Europe et bien aussi des Portugais des races si variées, répandues par notre Empire colonial, encore très vaste, des côtes d'Afrique, de l'Inde, et des établissements portugais de Chine et d'Océanie.

C'est une grande tâche que nous avons à faire.

Mesdames et Messieurs:

À l'entrée de cet Institut vous verrez un jeune arbre; c'est un châtaignier que j'ai arraché de la terre bénie où je suis né et où j'ai passé mon enfance. Je ferai venir aussi un chêne. Et ces deux arbres si caractéristiques de la flore de ma chère Province de Minho, plantés à la porte de cet Institut, auront un rôle symbolique. Leurs branches s'épanouiront en entière liberté; ils ne seront jamais taillés.

À l'ombre paisible de ces arbres, nous continuerons notre tâche, qui est encore en ébauche.

En saluant vivement les membres de l'Institut International

d'Anthropologie et tous les illustres savants qui ont pris part au Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie préhistorique, je vous prie d'excuser mon idéalisme bien lusitanien, et de bien vouloir m'accompagner dans ce voeu, que j'adresse à l'Institut auquel j'ai dédié toute ma vie et à chacun des arbres que, pour l'ombrager, j'ai transplanté de la terre chérie qui m'a vu naître: Qu'ils vivent, qu'ils croissent, qu'ils fleurissent!

Em seguida foram visitadas tôdas as dependências do Instituto, Museu, Laboratórios de Anatomia, Medicina Operatória, Antropologia, Biblioteca, Gabinete de Desenho, Salas de aulas, Gabinetes de Assistentes e Preparadores, Teatro Anatómico, Sala de conservação de cadáveres, Frigorífero e Maceradores.

A todos foi distribuïda uma monografia sôbre o Instituto de Anatomia do Pôrto, organizada pelo professor Hernâni Monteiro. Por ela se conhece a história da Anatomia nesta cidade e o seu brilhante desenvolvimento dos últimos anos, em todos os ramos da mesma: Osteologia, Miologia, Esplanologia, Vasos e nervos, Medicina experimental, e bem assim Antropologia, Etnografia, etc.

Os trabalhos científicos até hoje realizados neste Instituto, mencionados pelo referido Professor naquela monografia, são perto de 300. As colecções do Museu são ricas, especialmente a craniológica, de anatomia comparada, sistema nervoso (simpático, etc.), linfáticos, artérias e veias, etc., bem como muito preciosos os albuns que guardam numerosos e variados documentos iconográficos respeitantes a certas peças anatómicas: desenhos, aguarelas, fotografias. Algumas das secções do Museu, sobretudo as de Antropologia e Etnografia, teem sido muito ajudadas no seu desenvolvimento por ofertas de dedicados filhos desta Escola e individualidades amigas ou entidades como, entre muitas: Câmara Municipal do Pôrto, Administração do Palácio de Cristal, prof. Mello Breyner (Conde de Mafra), prof. Froilano de Melo, prof. Ricardo Palma, prof. Francisco Gentil, Direcção do Colégio Almeida Garrett, drs. Manuel dos Santos, Carlos Lopes, Armindo Júlio de Sousa, Maurício Bravo, Paiva Gomes, Monteiro Filipe, Manuel Bragança, Fernandes Torres, Fausto Lage, Gouveia Pinto, Santana Barreto, Eurico de Almeida, srs. Mário Fernandes, António Nogueira, Denis Aroso, Armando e Abel Correia, Adelino de Almeida, D. Ana Campos Monteiro, e mais.

Estas colecções compõem-se de importantes exemplares do continente e colónias, os quais já têm servido a investigações de vários cientistas, como se pode verificar na citada obra do prof. Hernâni Monteiro.

Finda a visita, o Instituto de Anatomia ofereceu um almôço no terraço do Palácio de Cristal aos professores Leite de Vasconcelos, Eduard Loth, Henri Vallois e dr. Renato Locchi. A êle assistiram, além dos homenageados, as espôsas dos professores Loth e Vallois, prof. Pires de Lima, espôsa e filha, prof. Hernâni Monteiro, prof. Amândio Tavares, prof. Grzybowski, Fernando Pires de Lima (quartanista de Medicina) e os assistentes do Instituto drs. Álvaro Rodrigues e espôsa, Luís de Pina e espôsa, Sousa Pereira e irmã, e Alberto de Sousa, assistente e desenhador do mesmo Instituto. O almôço, que decorreu na melhor confraternização, foi motivo para os professores portugueses manifestarem o seu muito aprêço ao ilustre filho da Escola do Pôrto prof. Leite de Vasconcelos e aos professores estrangeiros com os quais está nas melhores relações o Instituto de Anatomia do Pôrto.

Trocaram-se vários brindes, tendo falado os professores Pires de Lima, Hernâni Monteiro, Leite de Vasconcelos, Loth, Vallois e dr. Locchi. Êste último, representante da Faculdade de S. Paulo, assistente do prof. Bovero, estava ali marcando a amizade científica que tão estreita e devotadamente liga Portugal e Brasil.

LUÍS DE PINA.

Homenagem ao Prof. Mendes Corrêa

Apesar-de alguns meses decorridos, não se desvaneceu ainda da nossa memória o que foi o *XV Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Prehistórica*: uma parada magnífica de valores mentais, que encheu de prestígio a ciência e o nosso país, que boa figura fêz entre os representantes dos mais diversos povos.

A história do Congresso já está feita, e isso, mesmo, não é o nosso objectivo.

Pretendemos sômente destacar o nome de quem, pelo seu prestígio, esforço e vontade, conseguiu encaminhar para a nossa Terra a caravana de sábios arqueólogos e antropologistas. Isto, além da posição que marcou, durante a realização do Congresso, digno de tôda a admiração e louvor, pela sua competência, orientação e diplomacia.

Êsse alguém é o Prof. Mendes Corrêa, ilustre Director da Faculdade de Ciências e Instituto de Antropologia da Universidade do Pôrto, e Presidente da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia.

Ainda o Congresso vivia os seus últimos momentos, durante o banquete que a Câmara Municipal do Pôrto ofereceu a todos os seus participantes, numa mesa em que o acaso reünira um grande número de congressistas do norte do país, surgiu a idea de prestar uma simples mas significativa homenagem ao ilustre Professor, que tanto contribuiu para alevantar bem alto o nome de Portugal.

Essa idea, imediatamente abraçada por todos, teve a sua efectivação no dia 13 de Dezembro do ano findo, em que se realizou no Restaurante Comercial, um jantar em sua honra, que foi presidido, a convite da comissão promotora, e pela ausência do senhor Reitor da Universidade, pelo Professor dr. Hernâni Monteiro, ilustre vice-presidente da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia.

Todos os convivas, na quási totalidade congressistas, puderam assim patentear ao senhor dr. Mendes Corrêa o seu aprêço e estima, e significar-lhe que lhe fôra extremamente grata a acção bem patriótica desenvolvida por sua excelência.

Quási todos os homenageantes endereçaram ao Prof. Mendes Corrêa palavras de louvor.

A todos, por último, e no final da simples mas eloquente festa, o ilustre Professor agradeceu em sinceras e despretenciosas palavras.

Pela nossa parte, mais uma vez expressamos a sua excelência a nossa mais viva admiração.

ARMANDO DE MATTOS.

Prof. Adolfo Schulten

Por iniciativa da Junta de Educação Nacional o prof. Adolfo Schulten, da Universidade de Erlangen, realizou conferências sôbre «Tartessos» e «Ora marítima» nas nossas cidades universitárias, em Outubro de 1930.

Tendo percorrido o país, em viagem de estudo, convidou o prof. Mendes Corrêa a acompanhá-lo a Viseu, onde, numa escavação sumária, foi verificada a esterilidade arqueológica da camada de terra intacta no interior da *Cava de Viriato*. Antes de se dirigirem para o Pôrto visitaram a Serra da Estrela, a anta de Rio Torto e o Castro de S. Romão.

Bem conhecido entre nós por cêrca de oitenta estudos sôbre antiguidades peninsulares, das quais se destacam a monumental

reconstituição arqueológico-histórica «Numantia» e as «Fontes Hispaniae Antiquae», o prof. Schulten estivera nesta cidade em 1906, com o dr. Koenen, sendo então recebido pelo dr. José Fortes e eng. Ricardo Severo. Desta vez foi acompanhado pelo prof. M. Corrêa, dr. Alfredo Ataíde, autor da versão portuguesa de «Viriato», e pelo sinátario, na visita às colecções arqueológicas do Instituto de Antropologia e Museu Municipal do Pôrto, que o interessaram vivamente, colhendo muitos apontamentos sôbre a cultura castreja.

Um almoço oferecido pelo sr. Reitor da Universidade do Pôrto, ao qual assistiram os representantes da J. E. N., e um passeio pelos subúrbios, serviram para estreitar as cordiais relações mantidas pelo prof. Schulten com os investigadores portugueses, que o faziam escrever da Galiza, alguns dias depois: «Os dezóito dias passados em Portugal são das melhores impressões da minha vida».

R. S. P.

Crónica arqueológica

Formando um complemento da *Bibliografia da Pre-história Portuguesa*, publicada sob os auspícios do Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências do Pôrto, sairá periódicamente nos «Trabalhos» uma *Crónica Arqueológica* procurando dar aos investigadores nacionais e estrangeiros uma resenha dos estudos publicados e das escavações efectuadas em Portugal.

Por esta rasão serão agradecidas tôdas as publicações e informes que obsequiosamente nos queiram dirigir.

R. S. P.